IMPRESSO ESPECIAL
CONTRATO Nº 0387/ 01
ECT/DR/RS
CRP-07-Conselho Regional de Psicologia
7ª Região
ACF B.GONCALVES

Maio/Junho 2002
Nº 14 ANO III

Publicação do Conselho Regional de Psicologia CRP - 07

entre Linhas

Encarte Especial

40 anos da Psicologia

CRP-07 lança concurso
Histórias e Memórias

Fora dos Consultórios

A Nossa Casa

Uma referência nacional em Saúde Mental





A Psicologia pelos caminhos do Interior

Os depoimentos de psicólogos que trabalham em várias cidades do Rio Grande do Sul mostram realidades diferentes com suas dificuldades e novas possibilidades

editorial

Realidades da Psicologia

No Rio Grande do Sul somos 8.600 psicólogos ativos, inscritos no Conselho Regional de Psicologia. Boa parte deste número concentra-se na capital (4.300) e na região metropolitana (840). Entretanto, não são apenas números: refletem a forma como nos organizamos e as realidades com que tratamos.

A região metropolitana tem sete cursos de formação acadêmica em Psicologia, características urbanas de grande centro e um certo modo de "ser". No entanto, seria um falso dilema estabelecermos uma dualidade interior/capital, e não estamos propondo aqui esta oposição. Consideramos porém as particularidades – não só culturais e econômicas – mas subjetivas que as definições de espaço comportam. Particularidades estas que incidem também sobre o fazer "psi".

Nesta edição do Entrelinhas buscamos mergulhar neste universo: entender os processos que se entrecruzam na formação e no fazer da psicologia nas mais diversas realidades. Encontramos muito mais...

Buscar compreender como se insere na cultura o fazer "psi" nos levou a resgatarmos também a história da psicologia em nosso estado. Para a realização da matéria tema deste Entrelinhas, muitos psicólogos se mobilizaram e estiveram reunidos para contar suas expectativas, experiências, lembranças e histórias. O resultado nos surpreendeu: nossa busca pelo "interior" nos levou ao nosso interior, isto é, às entranhas da psicologia em nossa região.

Certamente uma experiência que não se encerra com a publicação desta edição, mas abre caminhos para aproximações.

Gestão Inserção

Prestação de Contas

O CRP-07 convida a categoria para a assembléia geral extraordinária que será realizada no dia 27 de maio, no auditório da sua sede, em Porto Alegre, às 19h30min (segunda chamada às 20h). O assunto é a prestação de contas correspondente ao exercício do ano de 2001. O edital de convocação para esta assembléia foi publicado na edição de 9 (nove) de maio do jornal Correio do Povo.

Gestão Inserção

- Andréa Giesen Lompa
- Carla Garcia Bottega
- Carla Mariela Carriconde Tomasi
- Célia Angelina Trevisi do Nascimento
- Cristina Armani Madeira
- Dóris Noronha
- Gisele Silva Sanches
- Janice Castilhos Gomes
- Liliana Santos
- Mara Cristina Kozorosky Almeida
- Maria Anastasie de Castro Cortês
- Maria Cristina Carvalho da Silva
- Maria da Graça Corrêa Jacques
- Mylène Geiger
- Ruy Dias Gigante
- Simone Poester Schmidt
- Tatiana Cardoso Baierle
- Vera Elizabeth Verissimo

Diretoria

- Presidente: Andréa Giesen Lompa
- Vice-presidente: Carla Garcia Bottega
- Secretária: Carla Mariela Carriconde Tomasi
- Tesoureira: Tatiana Cardoso Baierle

Comissão de Comunicação

- Andréa Giesen Lompa
- Mylène Geiger
- Vera Elizabeth Verissimo
- Walter Firmo de Oliveira-Cruz

entre Linhas

Conselho de Psicologia do Rio Grande do Sul / CRP-07

Sede
Av. Osvaldo Aranha, 1423 – sala 102
90035.191 – Porto Alegre/RS
Telefone/Fax: (51) 3335.1838 3330.3458
E-mail: crp07@crp07.org.br
Site: www.crp07.org.br

Seção Serra
Avenida Itália, 325/705
95.010-260 – Caxias do Sul/RS
Telefone (54) 223.7848
Representante: Viviane Marcon Duarte

Seção Sul
Rua Félix da Cunha, 772/304
96.010-000 – Pelotas/RS –
Telefone (53) 227.4197
Representante: Giovani Cantarelli

- Os artigos publicados com assinatura são de inteira responsabilidade do autor e não traduzem, necessariamente, a opinião do Conselho Regional de Psicologia.

- Cartas, artigos e outras manifestações devem ser encaminhadas à Comissão de Comunicação. Os artigos devem ter, no máximo, 35 linhas. Por questão de espaço, as cartas podem ser resumidas.

Edição e textos: Mônica Kanitz (MTb 8103)
Design gráfico: Clô Barcellos/Libretos
Impressão: Dolika
Tiragem: 7 mil exemplares
Peridiocidade: bimestral
Distribuição gratuita





Fora dos Consultórios

A casa e o bom senso

como referências

Três profissionais motivados e uma grande vontade de melhorar a vida de doentes mentais são alguns dos ingredientes que fizeram da Nossa Casa uma fórmula reconhecida nacionalmente na área da Saúde Mental. A experiência que serviu de modelo e referência para a Lei da Reforma Psiquiátrica/RS, instituída em 1992, surgiu alguns anos antes, na pacata cidade de São Lourenço do Sul, que fica no caminho entre Porto Alegre e Pelotas. A psicóloga Elsa Timm, uma das idealizadoras da Nossa Casa, conta que nos seus primeiros meses de trabalho na prefeitura, durante o ano de 1986, integrou uma equipe de médicos e enfermeiros que visitava as comunidades rurais com o objetivo de fazer um trabalho de prevenção na área da saúde. "E muitos reclamavam das pessoas loucas, que precisavam ficar trancadas porque atiravam pedras e tinham outras atitudes agressivas", recorda. Naquela mesma época, a assistente social Arita Bergman, que era a Secretária Municipal de Saúde, voltava de um encontro do Pais Mental em Porto Alegre, no qual tinha sido discutida a necessidade dos municípios criarem alternativas para os hospitais psiquiátricos. E o terceiro profissional da história, o psiquiatra Flávio Resmini, de Pelotas, recém havia chegado em São Lourenço por causa de um convênio. "O mais interessante é que a Prefeitura de São Lourenço precisava de um pediatra e, por engano, mandaram um psiquiatra. Flávio e eu nos conhecemos quando ele me ajudou a tratar de uma paciente catatônica", acrescenta Elsa.

Se o destino deu uma mãozinha no começo da história, a psicóloga prefere citar os aspectos colocados no início do texto para responder a uma pergunta básica: porque a iniciativa dela, do psiquiatra Resmini e da assistente social Arita Bergman deu certo? "A vontade política foi determinante. Mas, acima de tudo, houve um empenho muito grande de três profissionais que consideravam a saúde pública uma questão fundamental e um comprometimento da equipe que se juntou a nós. Era um grupo de pessoas que acreditava que a experiência poderia dar certo, que não pensava em horários e muito menos nas dificuldades", avalia a psicóloga, que deixou a coordenação da Nossa Casa há pouco mais de um ano e hoje é Secretária de Saúde da cidade vizinha de Turuçu.

Atualmente, a Nossa Casa é coordenada pela psicóloga Aline Peglow Sampaio, que foi estagiária de Elsa Timm. E está localizada num lugar privilegiado na cidade: um casarão de 1919, que já foi biblioteca e Secretaria de Turismo, na praça central de São Lourenço do Sul. Mas nem sempre foi assim. "Em agosto de 1988, quando começamos o trabalho da Nossa Casa, o único espaço que o prefeito conseguiu nos ceder foram algumas peças da casa onde funcionava uma espécie de depósito da prefeitura, na beira da Lagoa dos Patos. E convocamos toda a comunidade para um chá de panela, que foi a maneira de conseguir louças e alguns móveis usados para começar a receber nossos pacientes", recorda a psicóloga. Além da mudança de endereço e da melhoria na infra-estrutura, nestes 14 anos de existência a Nossa Casa ainda aumentou o número de profissionais da equipe e incorporou algumas novas atividades. Mas a estrutura básica foi mantida: de segunda a sexta, às 8h, um ônibus estaciona em frente ao casarão e deixa lá os pacientes, que foram apanhados em suas casas. Durante o dia, eles seguem uma rotina que inclui oficinas de arte, cultivo da horta, exercício físicos, participação no coral e atendimento médico e/ou psicoterapêutico. No final da tarde, de ônibus, eles voltam para suas casas. "Quando nós começamos a pensar nesta estrutura que hoje é mais conhecida como hospital-dia, nossa única pretensão era melhorar a vida daquelas pessoas. Elas precisavam reaprender a comer, a trabalhar, a se relacionar com os outros, a andar pela rua, e só poderiam conseguir isso se vissem alguém fazendo. Por isso, na Nossa Casa, sempre dividimos tudo com os pacientes, desde a mesa do almoço até o banheiro, o que não acontece num hospital psiquiátrico, onde os médicos ficam num ambiente e os pacientes em outro", explica Elsa. As críticas, segundo ela, foram muitas. "É claro que houve gente que torcia contra, que desacreditava completamente do nosso projeto. Mas acho que, nesta área psi, há profissionais que gostam do consultório e outros que gostam do serviço público. Quis o acaso que três apaixonados pela saúde pública se encontrassem neste caminho", acrescenta.

Hoje, em Turuçu, a psicóloga está "começando tudo de novo", enquanto Flávio é coordenador de Saúde Mental em Pelotas e a Arita está à frente da área de Saúde Mental da FAMURS. Para ela, o êxito do projeto – que recebeu o prêmio David Capistrano Filho, no valor de R$ 50 mil, na III Conferência Nacional de Saúde Mental – veio da simplicidade e das boas intenções da equipe. "Reunimos várias pessoas com informações diferentes para criar uma nova, baseada estritamente no bom senso", diz Elsa. Segundo ela, depois que a Nossa Casa se tornou referência nacional, pesquisadores e profissionais de todos os lugares perguntavam à equipe qual era linha de trabalho que seguiam. "No começo não sabia o que dizer, porque não seguimos linha alguma. Depois de um tempo, comecei a brincar com a situação. Afinal, nossa única preocupação era que aquelas pessoas fossem bem tratadas", acrescenta.



Fotos desta edição: Walter Firmo de Oliveira-Cruz



Uma visão do interior

Walter Firmo de Oliveira-Cruz
Psicólogo, Coordenador
Técnico do CRP 7

Segunda-feira, 19h30min, as ruas centrais estão praticamente desertas. Embora seja um dia como outro qualquer, quase não enxergo ninguém. É possível, no máximo, ver algum movimento na escola e algumas pessoas dentro de suas casas. Não estamos em guerra nem a espera de distúrbio de qualquer ordem. É simplesmente um dia como outro qualquer... em São Pedro do Sul!

Partindo de Porto Alegre, São Pedro do Sul fica a cerca de 45 minutos após Santa Maria. A atmosfera bucólica, a estrada deserta e a fumaça dos fogões à lenha vai constituindo o cenário. Primeira de uma série de cidades que seriam visitadas para esta matéria, São Pedro não foi escolhida por diferenciar-se de outras pequenas cidades do nosso interior gaúcho. Na realidade a escolhemos para tentar entender o que se passa com o trabalho do psicólogo quando inserido em pequenas comunidades, afastado de centros formadores, pólos econômicos e das experiências subjetivas que fazem parte dos grandes centros urbanos.

Walter Benjamin[1] escreveu sobre o homem moderno; isto é, sobre o fim da experiência narrativa. Sobre aquele que, perdido na multidão dos grandes centros urbanos, anônimo, circula por calçadas cheias de rostos sem nome. Um sujeito que se constitui não pela transmissão da experiência na figura do narrador. O homem moderno, autor, é aquele que tem que construir sozinho a história de sua vida.

As reflexões de Benjamin vêm à tona com certa facilidade quando nos deparamos com ruas desertas e as conversas que acontecem em alguma "praça central" de cidade pequena. Ali, onde cada rosto tem nome, onde o "doutor" conhece e é conhecido por todos assim como as figuras estereotipadas do "louco" e da "puta", as experiências subjetivas estão longe daquelas do anonimato e da impessoalidade. O encontro com o psicólogo nem sempre é um *Encontro.* Às vezes é apenas um esbarrão em meio a prateleiras de um mercado. Desconhecimento da psicologia, cartéis de categorias profissionais que "dominam" a área da saúde ou assistência social, ausência de discussões entre profissionais são algumas das dificuldades mais encontradas, sem esquecer a formação profissional distante das necessidades não só de mercado, mas de demandas.

O Psicólogo em grande parte ainda é formado para desenvolver atividades em espaços "ideais" que, hoje, pouco atendem às necessidades quer dos grandes centros urbanos, quer das inúmeras cidades pequenas. Enquanto disputamos espaço abrindo consultórios por todos lados, muitas prefeituras sequer dispõem de serviço de saúde mental. Afora as cidades que são pólos formadores de Psicólogos, a grande maioria ainda necessita o desenvolvimento de projetos que possam criar uma "cultura psicológica". Que mostre que o Psicólogo não é aquele que avalia crianças "problema" para as escolas ou atende os "loucos" da cidade. Temos uma Constituição Federal que municipalizou a saúde e muito ainda por fazer. O mercado de trabalho, as demandas sociais mudaram. Infelizmente muitos de nossos centros formadores ainda não perceberam isso.

Reunir psicólogos nas mais diversas cidades do interior do RS foi uma experiência que permitiu conhecer experiências e estabelecer comparações. Se é um tanto difícil a prática clínica de consultório em cidades pequenas, os serviços de saúde mental ainda estão por ser estruturados, as empresas ainda estão por conhecer o trabalho do psicólogo e, a população em geral ainda precisa desmistificar nosso trabalho. É um trabalho que cabe a cada um de nós, onde quer que vivamos.

40 anos de regulamentação da Psicologia no Brasil.

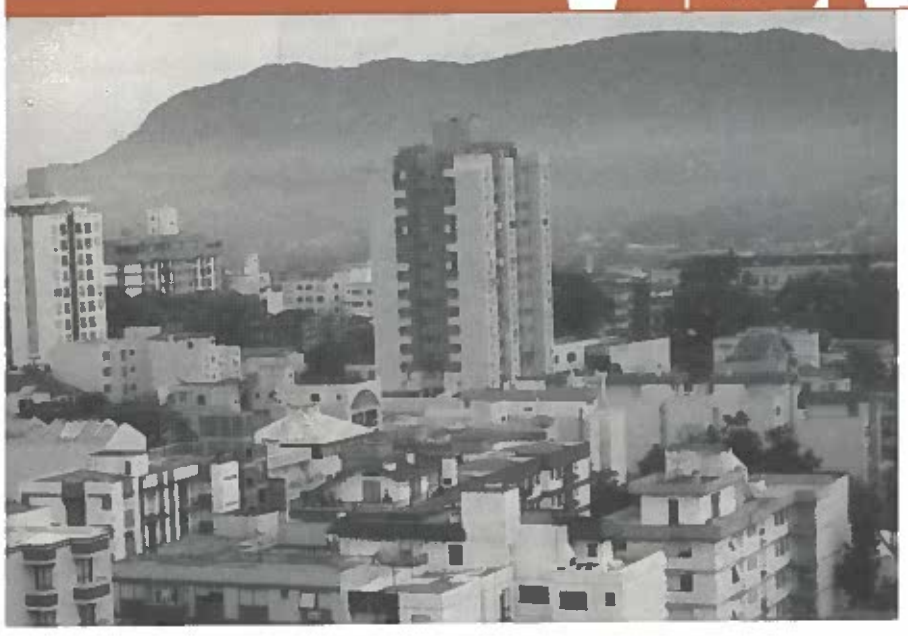
Tempo de ampliar horizontes.

Santa Maria: momento de construção

A história da Psicologia em Santa Maria é recente. Os primeiros psicólogos da Universidade Federal receberam seu diploma no começo deste ano, enquanto o curso da UNIFRA (Universidade Franciscana) ainda não formou a primeira turma. É uma situação que justifica o pouco conhecimento que a comunidade tem a respeito do trabalho dos psicólogos e facilitou o surgimento de práticas místicas e pseudo-científicas, conduzidas principalmente por religiosos. Algumas destas figuras são folclóricas e já viraram lenda entre a população, mas outras ainda estão bem atuantes e continuam sendo procuradas por muita gente. Os psicólogos de Santa Maria que se reuniram para dar esta entrevista ao CRP-07 nem precisaram se esforçar para lembrar de casos como o da freira que atendia nas escolas estaduais, da mulher de um pastor que ocupou o cargo da psicopedagoga, do padre com incursões pela holística, do doutor que tinha uma cadeira para "receber espíritos", dos terreiros de pais de santo e de um outro padre "que era o psicanalista da cidade e misturava Freud com religião". Além destes, é impossível não citar o nome do padre Lauro Trevisan, respeitado nacionalmente como um dos ícones da auto-ajuda. Mas não são só os religiosos, que vivem nos vários seminários da região, que emprestam certas particularidades a Santa Maria. Vale lembrar que a cidade mais central do Rio Grande do Sul também é pólo universitário e militar. "Santa Maria é caracterizada por este cruzamento de pessoas e culturas diferentes, que sentem necessidade de segurança e referência e acabam buscando caminhos espirituais. Como os cursos de Psicologia são muito recentes, houve campo para este sincretismo com a religiosidade", explica o professor argentino Eduardo Castro, um dos fundadores do curso de Psicologia da UFSM.

Uma das psicólogas mais antigas da cidade é a carioca Maria Luiza Furtado Kahl, que mora em Santa Maria desde 1980 e vêm acompanhando com atenção as mudanças na cidade quando o assunto é Psicologia. Quando chegou ao Sul, ela foi trabalhar na clínica de atendimento infanto-juvenil da psicóloga Thereza Nascimento, que mantinha a clínica com um psiquiatra. "O psiquiatra era a figura principal, que aten-

1 BENJAMIN, W. "O Narrador – considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In Magia e Técnica, Arte e Política. Trad. Sérgio P. Ruanet. São Paulo, 1985.





Santa Maria é uma cidade marcada pelo cruzamento de pessoas e culturas diferentes



dia os pais e tinha a palavra final no tratamento. O trabalho do psicólogo era fazer os testes, conversar com as crianças e ajudar o psiquiatra no que fosse preciso", situação, aliás, bastante freqüente nos primórdios da Psicologia. Outras experiências vivenciadas pelo grupo há alguns anos também chamam a atenção, como o fato de a universidade manter dois psicólogos em seu quadro técnico e não haver nenhum no hospital universitário, ou o caso da psicóloga que veio de Pelotas com experiência organizacional e encontrou dificuldades em conseguir emprego em empresas, que "têm muitas vagas para administradores e vários altarzinhos e santinhos nas paredes dos escritórios, mas não querem contratar psicólogos".

A primeira turma do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria, formada no começo deste ano, aponta dificuldades em conseguir estágios durante o curso – "nem em hospitais" – e vagas no mercado de trabalho. "Só duas empresas mantêm psicólogos no seu quadro de pessoal e a situação não é muito diferente nas escolas particulares. Minha única alternativa foi abrir um consultório particular", conta uma psicóloga recém-formada. São limitações que a Universidade tenta ultrapassar incentivando a procura por novos espaços e a elaboração de projetos diferenciados de atuação. "A proposta do curso de Psicologia da UFSM é diferenciada, já que pretende dar novos rumos para a formação e propõe que os alunos e os futuros profissionais encontrem maior abrangência no modo de trabalhar. Isso implica em buscar outros caminhos e apresentar projetos inovadores", resume Nair Iracema Silveira dos Santos, coordenadora do curso.

SANTA MARIA	
População	235.063
Psicólogos residentes*	136
Cursos de Psicologia	dois

*No município e registrados no CRP-07

Passo Fundo: em busca de novas formas de inserção

A zona da produção, como é definida a região em torno do município de Passo Fundo, tem nos maiores municípios – Passo Fundo e Carazinho – a concentração de 50% da população da região. Sua economia se constitui, essencialmente, a partir da produção agrícola. Além da agricultura, a área se caracteriza por um importante pólo de prestação de serviços, em especial na área da Saúde, definindo-se como um centro de referência em saúde para a macro-região norte do Estado.

A Universidade de Passo Fundo tem um dos cursos de Psicologia mais antigos do RS. "Mas a faculdade seguiu uma linha de formação elitizada, voltada para a clínica. Este perfil é um dos principais motivos de preocupação para a categoria, já que o mercado para a clínica está saturado e os novos profissionais não têm tido procura em seus consultórios", diz a psicóloga Liliana Santos, que trabalha na cidade. Apesar de atuarem nos mais diversos locais – prefeitura, órgãos públicos, escolas, postos de saúde, hospitais, empresas e trânsito –, os psicólogos da região enfrentam dificuldades em construir alternativas de trabalho e experimentar novas práticas. Por enquanto, não há espaço estruturado na rede pública – incluindo aí a área da Saúde – e a inserção na educação está voltada para a avaliação e encaminhamentos vinculados às dificuldades de aprendizagem. "Os psicólogos desta região têm consciência da importância de trabalhar em equipe e da inserção nas instituições, mas precisam se organizar e apontam a necessidade da construção de espaços para pensar, enquanto categoria", ressalta Liliana. Segundo ela, alguns professores da Universidade já estão buscando uma transformação do curso, seja repensando disciplinas ou buscando mais qualificação, e enfrentando o desafio da avaliação dos cursos de formação e as novas propostas teóricas da Psicologia.

O fazer psicológico vem sendo compreendido pelo grupo reunido em Passo Fundo como um fazer orgânico às instituições onde ele se insere, isto é, o profissional vem se tornando um membro importante das equipes de trabalho. E aí residem encantos e desafios: se por um lado, a troca de saberes exige abertura e flexibilidade, por outro o aprendizado e as construções provenientes destas trocas tornam-se grandes experiências que marcam a construção coletiva de ação e saberes vinculados à realidade social.

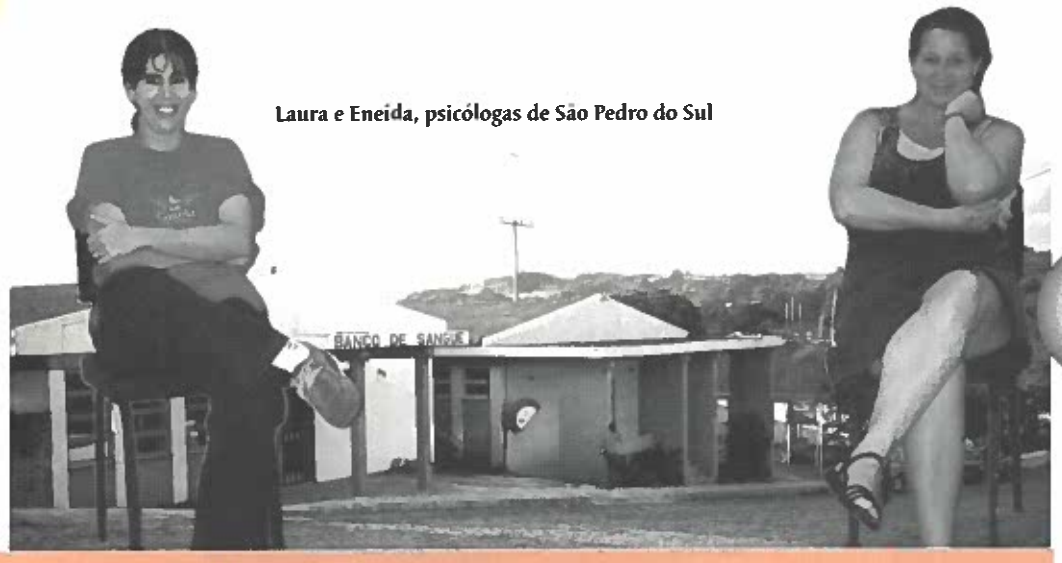
Sananduva, uma cidade de 16 mil habitantes da região de Passo Fundo, tem uma experiência considerada satisfatória em relação ao Programa de Saúde da Família. A cidade também possui um Conselho de Saúde organizado, que participa das decisões e fiscaliza a atuação da prefeitura. O PSF possui várias equipes, algumas com a coordenação de psicólogos, que atendem a população a partir das sua demanda: há grupos de mulheres para falar sobre saúde e desenvolver atividade artesanais, encontros de pessoas que apresentam os mesmos problemas de saúde ou familiares das mesmas para discutir cuidados específicos, grupos de educação em saúde mental, com projeção de filmes e leitura de textos, entre outros. Especificamente na área de saúde mental, a psicóloga realiza grupos de discussões com os agentes de saúde para auxiliar na compreensão de situações específicas e no acompanhamento de pessoas com mais dificuldades.

PASSO FUNDO	
População	168.440
Psicólogos residentes*	265
Cursos de Psicologia	um

*No município e registrados no CRP-07

Agradecimentos:

O CRP-07 agradece a todos os psicólogos que colaboraram com a realização desta matéria, em especial a Dóris Noronha e Maria Firmina de Oliveira (Pelotas); Fernanda Penkala Dias, Flávio Resmini, Elza Timm e Aline Peglow Sampaio (São Lourenço do Sul); Nair Silveira (Santa Maria); Eneida Menezes Tolio (São Pedro do Sul); Liliana Santos (Passo Fundo) e Siloe Pereira (Caxias do Sul).



Laura e Eneida, psicólogas de São Pedro do Sul

Cidades pequenas

Outra realidade

Atuar como psicólogo numa cidade como São Pedro do Sul, que tem 16 mil habitantes, pode ser sinônimo de situações curiosas e praticamente impensáveis para quem trabalha nos grandes centros urbanos. Duas psicólogas desta pequena localidade próxima de Santa Maria falaram para o CRP-07 das suas dificuldades e opções, que espelham uma realidade mais comum do que se pensa.

Os problemas podem começar pela dificuldade na manutenção de algo importante no cotidiano de um psicólogo: a privacidade. Numa cidade onde todos se conhecem e freqüentam os mesmos lugares, é muito fácil encontrar o paciente no supermercado ou na fila do banco. Avaliar alguém a pedido de um promotor Justiça é tarefa quase impossível, já que a norma para estes procedimentos deixa bem claro que o psicólogo não pode emitir pareceres sobre pessoas com quem mantenham relacionamento que possa interferir no resultado. As dificuldades de trabalho também recaem sobre a falta de resursos dos pacientes, o que faz com que o psicólogo muitas vezes nem cobre as consultas após a sessão e entre num acordo para receber quando "for possível", e na falta de continuidade do tratamento, já que os pacientes não querem ser chamados de "loucos" pelos seus amigos.

Os psicólogos destas pequenas cidades normalmente atuam no CFC (Centro de Formação de Condutores), avaliando os candidatos à carteira de habilitação, na APAE ou mesmo em casa, atendendo em consultório particular. Com um pouco mais de dedicação, não é muito difícil estabelecer um contato direto com o Prefeito e oferecer-lhe um projeto diferenciado para a área da Saúde. Os órgãos públicos, aliás, acabam sendo uma das melhores referências de trabalho nesta situação, pois a maior parte das prefeituras mantêm Postos de Saúde e programas que atendem crianças carentes, adultos com problemas de álcool ou drogas, famílias desestruturadas. Se, por um lado, o psicólogo é um profissional respeitado, por outro pode ter que lutar com uma espécie de onipotência de certas categorias, representada por alguns poucos profissionais locais ou que vêm da cidade grande mais próxima e atendem somente uma ou duas vezes na semana. Estes acabam assumindo o papel de todos os profissionais da saúde que poderiam atuar naquela comunidade, inclusive psicólogos, e não abrem espaço para a discussão de projetos mais abrangentes.

A realidade também muda muito quando o assunto é valores referenciais. Numa cidade de 16 mil habitantes e com economia agrícola, o máximo que acaba sendo cobrado por uma consulta é R$ 20,00, sendo que os convênios pagam em média R$ 15,00. Além de ter que praticar preços que ficam muito aquém da tabela referencial utilizada pelos psicólogos que trabalham nas cidades maiores, quem exerce a Psicologia numa pequena cidade precisa aceitar, algumas vezes, o fato de que pessoas com mais recursos optam por procurar serviços de um profissional dos grandes centros.



O grupo de Santa Maria está ajudando a construir a história da Psicologia na cidade



Pelotas: o privado e o público

A Universidade Católica de Pelotas tem o curso de Psicologia mais antigo do interior do Rio Grande do Sul. Lá, a faculdade foi implantada em 1974 e, seguindo uma tendência de nosso Estado, a formação direcionou-se, principalmente, para um modelo de intervenção da clínica privada. Segundo um grupo de psicólogos reunido pelo CRP-07 para uma conversa sobre a situação da Psicologia na região, os primeiros formandos não tiveram muita dificuldade em conseguir trabalho. "Naquela época, era comum sair da universidade e já ter vários pacientes para o consultório", recorda um dos entrevistados, formado há quase de 20 anos. Hoje, os cerca de 500 profissionais inscritos no CRP-07 e residentes em Pelotas são em número excessivo para dividir o atendimento às escolas, empresas, hospitais e pacientes particulares, ainda mais considerando-se os problemas econômicos que a região Sul do Estado vêm enfrentado nos últimos anos. Entretanto, o grupo é unânime em dizer que a Psicologia já faz parte da cultura da cidade e que a comunidade tem noção de seus benefícios. Nesta hora, também surge uma auto-crítica por parte de alguns psicólogos, que ressaltam a importância da mobilização da categoria para conquistar mais oportunidades de trabalho. "A falta de vagas também é responsabilidade nossa. A categoria é individualista, mantém poucos contatos e não se une para cobrar dos governantes novas iniciativas", diz um dos participantes do encontro. Para outro entrevistado, os psicólogos não sabem fazer marketing da profissão. "Nos falta embasamento, postura e capacidade de vender um trabalho sério", avalia, ressaltando que é fundamental que um profissional da Psicologia tenha postura ativa, clareza de seu objeto e capacidade para criar espaços de intervenção.

São insuficiências que, de acordo com o grupo, remetem aos anos da sua formação. Até pouco tempo atrás, o modelo argentino de Psicanálise ditava as regras no curso e qualquer outra possibilidade era vista com estranheza. Uma delas é o Psicodrama, que encontrou dificuldade em se inserir na região e hoje é bastante difundido entre os psicólogos. Nos primeiros anos de funcionamento do curso, era comum que médicos estudassem na Argentina e voltassem para dar aulas na Universidade. Uma das psicólogas lembra que "eles também entraram nos postos de saúde e na comunidade, ocupando espaços que poderiam ser dos psicólogos". Além disso, a classe





médica tomava conta dos hospitais, sem possibilitar aos estudantes de Psicologia o contato com pacientes psiquiátricos. "Lembro que o hospital da Universidade Católica tinha somente uma psicóloga, que atendia a área infantil", conta uma das entrevistadas, sugerindo que esta realidade também influenciou a abertura de consultórios por parte dos formandos. Outra possibilidade era trabalhar com crianças, já que o psicólogo era valorizado nas APAES. Alguns profissionais do grupo também lembram de colegas que chegaram a fazer concursos para professores com o objetivo de entrar nas escolas e, então, poder exercer sua profissão em desvio de função.

Mas algumas mudanças vêm sendo notadas nos últimos anos. A Universidade acaba de passar por uma ampla reforma, que incluiu o reaparelhamento da clínica-escola e outras melhorias. Conforme Maria Firmina de Oliveira, diretora da Escola de Psicologia da UCPEL, "a Universidade vem buscando uma maior qualificação dos seus serviços, com o objetivo de atender melhor a comunidade e os alunos". A categoria dos psicólogos também começa a buscar outras possibilidades de inserção, seja através da especialização acadêmica (os mestrados em Educação e Saúde Mental estão sendo procurados) ou em propostas diferentes daquelas tradicionais. Neste aspecto, Pelotas está adiantada em relação à implantação dos CAPS (Centro de Atendimento Psicossocial), nas área de Saúde Mental. Em cerca de um ano, a prefeitura estruturou seis CAPS, uma proposta que busca reverter o modelo hospitalocêntrico e regionaliza o atendimento em saúde mental. Assim, cada grande bairro da cidade (Fragata, Areal/Praias, Zona Norte, Varzi/Porto, Centro e Zona Rural) tem seu serviço de referência, que é responsável pela cobertura existencial dos moradores de cada região. Cada CAPS conta com uma equipe formada por psicólogos, psiquiatras e assistentes sociais e tem se mostrado eficiente no atendimento diário, sem necessidade de internação. Além disso, o CAPS Centro destaca-se por sua condição de "CAPS Escola", criado a partir de uma parceria entre a Prefeitura, o hospital universitário e a Universidade Católica. A psicóloga Lígia Monassa Farias, ex-coordenadora de Saúde Mental da região, diz que uma rede substitutiva em Saúde Mental pode ser organizada em todos os municípios. "Alguns prefeitos das cidades vizinhas já começaram a acordar e vinham mandado representantes para as nossas reuniões. Ainda há muito trabalho a ser feito, mas nós já percebemos uma diminuição em relação ao retorno dos pacientes que usam o serviço e, principalmente, no número de internações psiquiátricas", relata.

PELOTAS	
População	323.034
Psicólogos residentes*	533
Cursos de Psicologia	um

*No município e registrados no CRP-07

Caxias do Sul: experiências diferenciadas

Atualmente, as doze mil empresas de Caxias do Sul representam uma possibilidade de inserção promissora para os psicólogos. Mas no começo não era assim. Os primeiros profissionais da cidade - a maioria formada pelo curso da Universidade de Caxias do Sul a partir de 1983 – preferiam abrir seus consultórios porque havia muito pouco espaço nas empresas e as vagas no trânsito e nas escolas eram ocupadas por psicólogos que vinham de Porto Alegre. Um grupo de psicólogos que se reuniu para conversar com o CRP-07 em Caxias do Sul conta que no começo da década de 80 somente dez psicólogos trabalhavam na cidade e era preciso muita disposição para cumprir os estágios universitários, já que os próprios alunos corriam atrás e propunham a abertura de vagas. Assim, em grande parte, foram os estagiários os responsáveis pela abertura do mercado de Psicologia na cidade. Tanto que, hoje em dia, ainda existem empresas que preferem manter estagiários em seus quadros do que contratar profissionais, uma situação que os coordenadores da Universidade estão tentando mudar. "Se há demanda por estagiários, é sinal que o trabalho do psicólogo é importante naquele local. Tentamos provocar esta discussão para garantir o espaço dos formados e também dos estudantes", diz Siloe Pereira, da Universidade de Caxias do Sul.

Diante deste quadro, a clínica é opção de muitos recém-formados, que vêem nela um jeito rápido de se inserir no mercado e aguardar as futuras oportunidades de trabalho, que podem surgir através de concursos ou com a abertura de vagas em empresas. Segundo o grupo, o que se observa hoje é que as pequenas e médias empresas estão absorvendo bastante gente e que existe uma predisposição dos novos profissionais em conquistar espaços diferentes, principalmente na área organizacional. "Sempre digo para os meus alunos que a Psicologia tem de ir onde estão as pessoas", ressalta Maria Elisa Fontana Carpena, também da UCS. Alguns psicólogos concordam, ressaltando que nesta profissão não há espaço para posturas fechadas e que o psicólogo precisa identificar suas próprias demandas. Uma das profissionais mais jovens do grupo, Ana Paula Costa, explica que esta mudança de visão começou a ser trabalhada pelos professores da Universidade por volta de 1993, 1994. "Eles passaram a exigir que a gente pensasse num contexto mais amplo, mudaram a linha do curso", constata. Ana Paula também responde por um trabalho pioneiro no Estado, já apresentado em congressos nacionais: o atendimento psicológico para uma rede de 11 funerárias, acompanhando os familiares enlutados. "O psicólogo atua num momento de grande choque emocional, dando suporte para aceitar as perdas. Normalmente, há uma demanda grande em relação à orientação das crianças e, especialmente, dos pais que perdem os filhos jovens", explica.

Também merecem destaque as experiências desenvolvidas no hospital geral de Caxias do Sul, que mantém um serviço de plantão psicológico e uma equipe de captação de órgãos para doação, com a presença de um psicólogo; na escola de enfermagem, que mantém um psicólogo para acompanhar o profissionais que vão lidar com os doentes; e a da psicóloga Cátia Giacomet, que conseguiu fazer uma ponte entre as suas duas atividades: a APAE e a empresa em que atua. Há cerca de três anos e a partir de um projeto da própria psicóloga, a empresa contratou portadores de deficiência mental para o seu quadro funcional. E a intenção é que esta realidade se amplie, até porque existe uma lei federal que garante vagas para os portadores de deficiências nas empresas. "Esta é outra possibilidade para os psicólogos, já que os deficientes precisam ser preparados e orientados para o novo trabalho e isto significa um resgate social do sujeito", observa Cátia.

A prefeitura de Caxias do Sul é uma das que melhor remunera seus psicólogos em todo o Rio Grande do Sul; entretanto, apenas dez profissionais estão na prefeitura, sendo quatro na Secretaria de Saúde e seis na Fundação de Assistência Social. Também é um lugar onde os estágios proliferam, sob a alegação de que os alunos têm um perfil mais diversificado, enquanto muitos psicólogos seguem uma linha de intervenção clínica tradicional. Outra particularidade da saúde municipal em Caxias do Sul é o espaço amplo de atuação conquistado pelos assistentes sociais, que ainda estão muito presentes e são vistos com certo destaque nos programas desenvolvidos pelo município.

CAXIAS DO SUL	
População	360.223
Psicólogos residentes*	522
Cursos de Psicologia	um

*No município e registrados no CRP-07



Os psicólogos de Caxias do Sul se reuniram na Universidade







Sandra Djambolakdjian Torossian
Graduada em Psicologia e psicanalista. Doutora em Psicologia do Desenvolvimento/UFRGS. Docente da UNISC e PUC/RS

Imagens: *percursos pelo interior*

Um desafio: escrever sobre a Psicologia no interior. Imagens que surgem: traçados de minhas andanças - do exterior a Porto Alegre e daí para municípios do interior de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Alguns dos impactos iniciais: decifrar novos códigos, compreender hábitos, tropeçar com freqüência na língua e, ainda, escutar as vozes dos amigos e colegas que estimulando a mudança comentavam sobre os locais aos quais me dirigia.

Repetições: as vozes falavam da valorização dos costumes da cultura que deixava, da intelectualidade e inteligência "daqui" em detrimento da "de lá". O novo, o desconhecido, o diferente, geralmente percebido em termos de uma hierarquia entre o melhor e o pior. Era como se uma pergunta ecoasse a cada momento. Onde é o melhor lugar?

Pergunta essa que freqüentemente escuto dos universitários iniciantes: qual a melhor teoria? Qual o autor que traz a verdade? Os percursos cruzam-se na descoberta da inexistência de uma verdade absoluta, dando lugar a diferentes olhares. Diferentes olhares com os quais estou comprometida como docente implicada na formação de psicólogos.

É de uma posição estrangeira que posso falar da Psicologia no interior. Mas afinal, o que define o interior? Existem diferenças em relação "à capital"? Podemos cindir o interior do exterior?

Deixei fluir imagens na tentativa de encontrar respostas. Surge a idéia dos interiores associados ao espaço interno e, ainda, a idéia de tamanho. Um espaço geográfico "pequeno", para quem tem como referência as "grandes" cidades, no qual o olhar dirige-se "para dentro" e paradoxalmente, "para fora".

O ponto que mais impacto me causou no contato com essas diferenças refere-se à circulação das transferências nesse espaço. "Todo mundo se conhece", diziam-me algumas pessoas. Os olhares e as vozes parecem atravessar e confundir, com mais facilidade, o espaço público e o privado. Encontrava, por exemplo, estudantes nos restaurantes da cidade, fora do horário de trabalho que se aproximavam para justificar sua ausência à aula daquele dia. Situações como essa não são estranhas para vários dos meus colegas que moram no interior.

Inicialmente, pensava nisso como algo sem maiores conseqüências. Aos poucos fui percebendo que eu incluía esses temas nas aulas ministradas na universidade. Questões da minha prática profissional nas quais construía-se o espaço do que as pessoas denominavam "fofoca" assumindo um valor de verdade para a comunidade. Vi-me falando, então, do lugar do psicólogo nesses espaços e situações.

Pensava, até então, não se tratar de uma especificidade do interior. Hoje, no entanto, repenso minha posição. Precisamos pensar nos efeitos de subjetivação neste "interior". Especialmente, quem está comprometido com a formação de futuros psicólogos.

Quais as especificidades da constituição subjetiva num espaço marcado pela possibilidade ser visto por todos?

Quais as especificidades do trabalho institucional? Qual o lugar do psicólogo? Quais as armadilhas específicas que este poderá encontrar?

Muitas outras imagens surgem, ao terminar este texto, como temáticas possíveis para um artigo sobre a Psicologia no interior. Opto, porém, por deixar registradas as primeiras idéias, surgidas como resposta à proposta de escrever um texto sobre o tema.

Luciane Slomka
Psicóloga

Pegando a estrada:
a aventura de um trabalho de Psicologia Comunitária no interior

O objetivo do presente artigo é poder compartilhar com o leitor uma experiência de trabalho em Psicologia Comunitária em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul e refletir sobre o mesmo.

A cidade chama-se Fazenda Vilanova, um município que há alguns anos emancipou-se de Bom Retiro do Sul e fica a uma hora e 15 minutos de Porto Alegre. A viagem é a primeira peculiaridade deste tipo de trabalho. A paisagem, com campos verdes é como uma saída daquele território conhecido (tanto geograficamente quanto profissionalmente). O ônibus, o tempo de viagem, o sujeito que senta ao lado, faz com que possamos gradualmente entrar em contato com uma nova realidade, em uma sintonia diferente. A cidade é pouco habitada. As casas são, na grande maioria, muito simples, numa esfera de campo e de tranqüilidade, que só é quebrada pela proximidade da BR-116.

Até então, o município tinha pouca experiência com o trabalho da Psicologia e não sabíamos exatamente por onde começar: eu, uma psicóloga recém-formada, com muita vontade de trabalhar e aprender. Eles, moradores de um município que tinha extrema necessidade do trabalho devido a grande quantidade de pacientes com problemas emocionais que chegavam ao posto de saúde. Iniciei meu trabalho atendendo individualmente aquelas pessoas que buscavam o posto e também realizava visitas domiciliares. Em seguida, passei a direcionar meu trabalho também à área da Educação, onde realizei palestras para pais e professores e realizei avaliação com os alunos repetentes. Havia muito trabalho a ser feito, e a sensação era de que tudo era muito novo e que toda uma população poderia se beneficiar deste trabalho. É uma sensação gratificante, e, ao mesmo tempo, assustadora. A sensação que se tem diante de uma realidade tão distante daquela que vivia em minha casa, nas confortáveis cadeiras da universidade, é de estranhamento diante do novo; diante do esquizofrênico que caminha gritando nas ruas e já é conhecido de toda a população, diante do silêncio das ruas de chão batido... Uma realidade que, além de não ser vivida, não é por nós conhecida, e estamos despreparados para o que é fazer Psicologia além das paredes de nossos consultórios.

"Então, não saímos da faculdade preparados para encontrar pessoas diferentes, singulares, com suas mazelas e com o impacto que elas produzem. Saímos preparados para 'curar' doentes mentais, psicóticos, neuróticos, com seus sintomas bem descritos em CID's e DSM's, e quando vamos 'para a rua', vemos que não existem sintomas prontos, que não se encaixam e fecham um diagnóstico. O que vemos são sujeitos com a 'vida doente', com a potência de vida fragilizada, atingida por uma sociedade que, cada vez mais, exorciza a singularidade, estimula a individualidade e prega a massificação". (Slomka, p.6, 2001)

Creio que seja de fundamental importância desmistificar a Psicologia Comunitária como sendo um trabalho com populações pobres ou desfavorecidas. Essa é a idéia subliminar que se tem, e desde a época da faculdade, poucas pessoas optavam pelo estágio nessa área, vivendo como se numa condição 'marginal'. Em um dos meus trabalhos científicos que realizei durante meu estágio em Psicologia Comunitária, assim escrevi:

"...a grande ilusão é a de que o psicólogo entra na comunidade para salvá-la de uma situação precária. Mas que situação é esta? É precaria para quem? A partir de que ponto de vista? Acredito que é fundamental que o psicólogo entre na comunidade aberto para uma nova realidade, que embora diferente da sua, pode estar sendo boa para aquelas pessoas, sem também abandonar suas crenças e sua visão de mundo." (Slomka,p.5, 2000)

A Psicologia Comunitária é tudo isso e muito mais! É claro que também trabalho dentro de meu consultório. Porém, só fisicamente. Depois do contato com a esfera 'pública' de uma comunidade, meu trabalho, minha maneira de ver o mundo e a forma como as pessoas sobrevivem foram afetados de tal forma que consigo perceber além das quatro paredes, e perceber cada indivíduo como um ser que traz consigo marcas de outros, de experiências, sofrimentos e potencialidades.

Agradeço muito à população, às Secretarias da Saúde e Educação, por acreditarem no trabalho da Psicologia e por terem me proporcionado uma experiência de vida e profissional que levarei sempre comigo. A semente está plantada!

"Não seremos vítimas, não nos apegaremos ao já existente transformando a vida numa pá de moinho a triturar-nos, comprimir-nos... há que se transgredir constantemente o instituído. Eterno desafio,... ateliê do viver...". (Melo, 1998, p.13)

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MELO, Cibele de Ruas. Há devir, há de vir: o advir da criação no processo terapêutico. In: SaúdeLoucura, vol.5, São Paulo: Hucitec, 1996.

SLOMKA, Luciane. A clínica como ela é: Prática da psicoterapia em classes populares. Trabalho acadêmico realizado durante estágio em Psicologia Comunitária. Porto Alegre, 2001.

SLOMKA, Luciane. Visitas domiciliares: uma ferramenta para a inserção do estagiário na prática da Psicologia Comunitária. Trabalho acadêmico realizado durante estágio em Psicologia Comunitária. Porto Alegre, 2000.

A situação da graduação em Psicologia no Rio Grande do Sul (segundo os instrumentos de avaliação do MEC)

Comissão de Formação do CRP-07

Entre as políticas educacionais promovidas pelo Ministério de Educação está a implantação da Avaliação do Ensino Superior oferecido no país. Os cursos de Psicologia foram incluídos nesta avaliação a partir de 2000 e os resultados apresentados são indicativos de uma formação não satisfatória de acordo com os critérios propostos por este órgão governamental.

A utilização de um espaço neste veículo de comunicação do CRP-07 para divulgar esta temática se fundamenta na convicção de que a formação é um tema de interesse de todos os psicólogos. Não compartilhamos da dicotomia entre ensino e exercício profissional e acreditamos que a desqualificação da formação tem implicações na representação e na avaliação no contexto social do trabalho dos psicólogos em geral.

Nosso objetivo é divulgar as informações repassadas pelo INEP, autarquia vinculada ao Ministério da Educação, sobre os resultados da Avaliação das Condições de Oferta e do Exame Nacional de Cursos (Provão 2001) aos responsáveis pela gestão dos cursos de graduação em Psicologia no país, em Brasília em março próximo passado. Privilegia-se neste recorte as referências ao RS sempre que tais informações estejam disponibilizadas.

Resultados obtidos pelos cursos de Psicologia do RS na Avaliação das Condições de Oferta

(avaliação realizada por professores de cursos de pós-graduação em Psicologia, nomeados pelo MEC, que visitaram onze instituições de ensino no Estado, no ano de 2000, para verificar a qualidade do corpo docente, da organização didático-pedagógica e das instalações).

O RS teve um dos cursos com a melhor avaliação no país e dois cursos com avaliação insuficiente nos três quesitos. São freqüentes, de acordo com o MEC, avaliações insuficientes (CI) e regulares (CR) com relação ao corpo docente e à organização didático-pedagógica. Concentram-se as avaliações positivas (CMB e CB) em cursos de longa tradição e localizados na região metropolitana de Porto Alegre. Comparando com outros estados, as avaliações referentes ao RS são similares ao resto do país; comparando com a avaliação de outros cursos, a Psicologia tem um número mais baixo de avaliações CMB e CB e um número mais elevado de avaliações CI e CR. Informações mais completas foram divulgadas pelo jornal Zero Hora de 10/10/01, p. 39.

Resultados obtidos pelos graduandos no Exame Nacional de Cursos -Provão 2001

(apresentados e comentados pela Comissão de Avaliação dos Cursos de Psicologia, nomeada pelo MEC junto ao INEP).

No RS, em 2001, realizaram o Provão 722 graduandos, 56 de instituições federais e 666 de instituições privadas; corresponde esse número a 18% do total nacional, só inferior a SP, MG e RJ. Não se configura no Estado "boicote" à prova. A média geral na região sul foi 38,7 e nas questões de múltipla escolha 54,3 (sempre sobre 100), as mais altas por região no país. As questões com maior número de acertos foras as de número 1, 32 (principalmente) e 35; as com menor número de acertos foram as de número 5 (principalmente), 12, 13, 15 e 24. Os conteúdos da prova estão disponibilizados no site http://www.inep.gov.br, dentro do destaque Provão 2001. Psicologia. As três questões discursivas versaram sobre: procedimentos de diagnóstico e intervenção em situação de atuação profissional, interação entre comportamento e contexto sócio-cultural e métodos de investigação em Psicologia. A média na região sul foi de 23 em 100, a maior do país, sendo que as médias nacionais foram 35,1 na questão 1, 16,8 na 2 e 14,8 na 3. Segundo parecer dos professores que avaliaram as provas, as respostas denotavam "tom leigo, aparentado às reportagens de periódicos de entretenimento, confusão na delimitação dos quadros psicopatológicos, não contemplação da especificidade do objeto da Psicologia e da ação do psicólogo, confusão entre pesquisa em Psicologia e pesquisas patrocinadas pela mídia, uso do questionário como instrumento universal, culpabilização da 'vítima', influência da literatura de auto-ajuda, escrita falha quanto ao artefato conceitual, muitos erros de ortografia", entre outros aspectos. No RS, a classificação, considerando o conjunto de resultados, foi: duas instituições com conceito A (federais, região metropolitana e interior), duas instituições com conceito B (privadas, região metropolitana e cursos já oferecidos há mais de 30 anos), sete com conceito C (privadas, do interior do Estado e uma da região metropolitana). Os resultados por instituição foram divulgados no jornal Zero Hora de 13/12/01 (exceto a nota dos alunos de uma das instituições da área metropolitana). Há uma correlação positiva entre os resultados do Provão e a Avaliação das Condições de Oferta nos quesitos corpo docente e organização didático-pedagógica. Comparando as médias obtidas pelos alunos de outras áreas que realizaram o Provão, a Psicologia só é melhor do que a Biologia, a Economia, a Física e a Matemática.

Para concluir

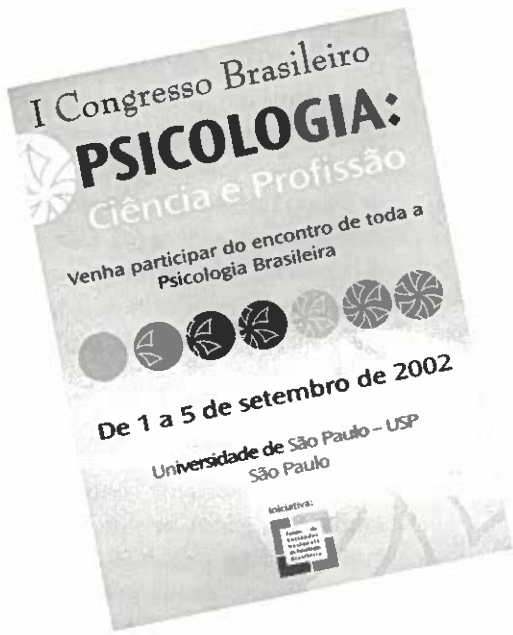
É importante contextualizar os resultados divulgados às políticas educacionais implementadas pelo MEC, expressas na LDB e abalizadas nas diretrizes traçadas pelo Banco Mundial e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento para países no estágio de desenvolvimento em que o Brasil é classificado. Com relação ao ensino superior, a prioridade recai na privatização e interiorização com o objetivo de atender a demanda do mercado por escolaridade e não necessariamente as necessidades sociais em relação a absorção dos graduandos. Neste cenário é que foi implantado o Programa de Avaliação do Ensino Superior, que tem sido objeto de críticas dirigidas tanto às políticas educacionais que o fundamentam como a sua operacionalização e seu caráter conteudístico. A professora e psicóloga Sandra Amorim aponta que "a educação superior brasileira encontra-se em meio a uma nítida situação de crise, cujo ponto central é a sua mercantilização e introjeção da racionalidade do mercado. Acrescenta o professor Hélgio Trindade: "(...) quanto ao Provão, apesar de seu efeito mediático, seus resultados não trouxeram investimentos ou produziram políticas corretivas (...) em um país em que 66% das matrículas do ensino superior estão no setor privado (o 7º em um ranking onde os USA são o 20º)".

A formação em Psicologia deve ser objeto de reflexão para todos nós se queremos construir um saber e um fazer em Psicologia com reconhecimento social.

CRP-07 participa do I Congresso Brasileiro: Ciência e Profissão

Oito mil pessoas são esperadas no I Congresso Brasileiro: Ciência e Profissão, marcado para o período de 1º a 5 de setembro, em São Paulo. Será o maior congresso de Psicologia já realizado no Brasil, principalmente se for levada em conta a quantidade de trabalhos que serão apresentados durante os cinco dias: há cerca de dois mil painéis inscritos, além de três centenas de mesas redondas com debatedores de todo o País. O Sistema Conselhos está responsável por 34 destas mesas, sendo que o CRP-07 organizou cinco, com os seguintes temas: 1) Profissão e Formação do Psicólogo nos Serviços Substitutivos de Saúde Mental: A Cidade como Setting; 2) Redes de Ação Integral a Crianças e Adolescentes; 3) Psicologia Hospitalar: Instituição, Corpo e Subjetividade; 4) Clínica na Contemporaneidade e a Formação em Psicologia; 5) A Toxicomania na Contemporaneidade: Novas Formas de Intervenção.

O I Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão é uma iniciativa do Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira e aberta a todas as pessoas interessadas ou relacionadas à área. A intenção dos organizadores é aproximar o trabalho dos pesquisadores ao dos profissionais, dando espaço para todos os psicólogos discutirem práticas ou atividades científicas relacionadas com o seu cotidiano profissional. Mais informações no site do CRP-07: www.crp07.org.br



CRP-07 institui comissão de Avaliação Psicológica

Um grupo de trabalho sobre Avaliação Psicológica foi constituído no CRP-07 no início de março, com a participação de conselheiros, professores universitários e psicólogos que trabalham na área. A partir deste grupo, a plenária do CRP-07 instituiu uma comissão especial sobre Avaliação Psicológica, levando em conta a importância da atividade no exercício profissional do psicólogo. Também foram consideradas as demandas da categoria em relação às questões de avaliação psicológica, às implicações éticas que norteiam esta atividade e a necessidade de uma representatividade formal junto ao sistema Conselhos.

A comissão iniciou seus trabalhos discutindo as resoluções sobre Avaliação e Testes Psicológicos, o que deve continuar nas próximas reuniões junto com propostas de ações referentes ao tema. A comissão também vai incrementar parcerias com as Universidades, instituições de formação e grupos de estudos e pesquisas, além de colaborar com as discussões do CFP em relação a estudos de pesquisas de adaptação e construção de instrumentos para a realidade brasileira. A comissão prevê, num futuro próximo, a realização de reuniões abertas à participação dos interessados, tendo em vista que, no momento, o grupo já conta com o número máximo de participantes.

Prêmio Artur Ramos tem novo prazo de inscrições

O Prêmio Monográfico Artur Ramos – Pluralidade Étnica como Desafio à Psicologia Brasileira teve suas inscrições prorrogadas até o dia 15 de junho. O concurso, aberto a profissionais e estudantes de Psicologia, é uma iniciativa do Conselho Federal de Psicologia e vai distribuir prêmios nos valores entre R$ 500 e R$ 2.500 para os três primeiros vencedores em cada categoria. Informações no site www.pol.org.br

Mobilização estadual pela luta antimanicomial

O CRP-07 estará presente nas comemorações pelo Dia Nacional da Luta Antimanicomial, festejado em 18 de maio. Em Porto Alegre, a data será lembrada no dia 19, no Brique da Redenção, a partir das 9h, e vai reunir representantes de serviços e instituições de Saúde Mental de todo o Rio Grande do Sul. A intenção é construir uma grande colcha de retalhos em forma de mapa que inclua todas as cidades gaúchas – são cerca de 200 – que oferecem serviços de Saúde Mental, além de mostrar trabalhos produzidos pelos usuários destes serviços. A iniciativa é do Fórum Gaúcho de Saúde Mental e da Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul.

Reuniões em Pelotas

A Seção Sul do CRP-07, com sede em Pelotas (rua Felix da Cunha, 772/304), promove todas as terças-feiras, às 19h30min, um grupo de estudos para assuntos diversos. Informações pelo telefone (53) 227.4197.

Encontros do Trânsito

A Comissão Especial do Trânsito definiu as seguintes datas para seus próximos encontros: 25 de maio (sábado) às 9h; 5 de junho (quarta-feira) às 20h; 22 de junho (sábado) às 9h; e 3 de julho (quarta-feira) às 20h. As reuniões são realizadas no auditório do CRP-07.

Seção Serra

A partir do dia 10 de junho, volta a funcionar a Seção Serra do CPR-07, com novo endereço em Caxias do Sul: Avenida Itália, nº 325 - sala 705. O telefone é (54) 223.7848.

Registro de especialistas

A Comissão Especial de Análise para Concessão de Título Profissional de Especialistas continua avaliando o grande número de processos com solicitação de registro protocolados no CRP-07. Os trabalhos estão sendo encaminhados da maneira mais ágil possível e, à medida em que os resultados são conhecidos, os psicólogos recebem uma comunicação através de correspondência.

Psicologia Organizacional
Cursos de formação e grupo de estudos
Inscrições abertas no Instituto de Desenvolvimento Global
Informações (51) 3232.6104

Reuniões Clínicas
Discussões de casos na última terça-feira do mês, no ESIPP
Informações (51) 3332.6436

Mitos e Realidade do Climatério Feminino e Masculino
Curso com início em maio de 2002
Inscrições abertas no CLAM (Clínica de Atendimento ao Adulto Maduro)
Informações (51) 3328.0622

III Curso de Extensão em Clínica Psiquiátrica
Curso com oito módulos independentes
Início em maio de 2002
Inscrições abertas no Centro de Estudos Luis Guedes/ UFRGS
Informações (51) 3330.5655

Revisitando os Autores da Psicanálise
Palestras sobre Melanie Klein, Bion, Lacan, entre outros
Módulos a partir de 9 de maio
Inscrições abertas no GAEPSI
Informações (51) 3331.3781

I Fórum Nacional de Processo Criativo
Tema: Os Novos Desafios da Educação
De 16 a 18 de maio, em Vitória (ES)
Informações
www.fbcriativo.org.br

II Jornada de Psicologia Escolar
Tema: Escola Saudável – Prevenção e Compromisso com a Vida
Dias 17 e 18 de maio, em Porto Alegre
Inscrições abertas na Sociedade de Psicologia/RS
Informações (51) 3231.3000

II Fórum da Ação Conjunta
Tema: Segurança Pública e Sistema Penitenciário – A Cultura da Paz
Dia 22 de maio em Curitiba (PR)
Informações (41) 362.4848

X Encontro Sul-Americano de Recursos Humanos/XIII Encontro Nacional de Administradores e Psicólogos
Tema: Competências Coletivas
De 22 a 24 de maio em Gramado (RS)
Informações (51) 3332.9293

I Congresso Internacional de Psicanálise e Intersecções – Arquitetura
Tema: Luz e Metáfora: um Olhar sobre Espaço e Significados
De 22 a 25 de maio em Porto Alegre
Inscrições abertas no GEA
Informações 3330.6406 ou gears@terra.com.br

Terapia Familiar Médica
Palestra com o tema Vivência do profissional que lida com familiares de portadores de doença crônica
Dia 23 de maio, em Porto Alegre
Inscrições abertas no Domus
Informações (51) 3346.3022

I Seminário de Psicologia do Esporte do Mato Grosso do Sul
Tema: Uma Visão Interdisciplinar
Dias 30 e 31 de maio, em Campo Grande (MS)
Informações
crp14@terra.com.br

Diagnóstico Psicológico
Curso de Pós Graduação
Início em agosto na PUC/RS
Inscrições até 4 de junho
Informações (51) 3320.3633 ou www.pucrs.br/psipos

VIII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica
Tema: Relação Dialógica: a Cura pelo Encontro
De 6 a 9 de junho em Goiânia (GO)
Informações (62) 241.9784 ou www.gestaltterapia.com.br

XIV Jornada Anual do IEPP
Tema: Dimensões do Infantil na Clínica Psicoterápica
Dias 7 e 8 de junho em Porto Alegre
Informações (51) 3333.4801 ou 3335.3534

Colóquio Piera Aulagnier
Dias 7 e 8 de junho, em São Paulo (SP)
Informações (11) 3670.8521

I Encontro de Jogos Cooperativos e Criatividade
De 13 a 15 de junho em Vitória (ES)
Informações (27) 3200.3776 ou www.ejocc.com.br

XXI Jornada Sul-Riograndense de Psiquiatria Dinâmica
Tema: Trauma
De 19 a 22 de junho, em Porto Alegre
Informações (51) 3311.8809

III Curso de Instrodução à Psicologia Hospitalar
Dias 21 e 22 junho em Porto Alegre
Inscrições abertas no Hospital Ernesto Dornelles
Informações (51) 3217.8406

II Jornada de Pesquisa em Psicologia da UNISC
De 25 a 27 de junho, em Santa Cruz do Sul (RS)
Inscrições abertas na Universidade de Santa Cruz do Sul
Informações (51) 3717.7343 ou dpsico@dpsico.unisc.br

Psicoterapia Psicanalítica de Crianças e Adolescentes
Curso de Pós-Graduação/ Especialização
Início em agosto na Unisinos, em São Leopoldo
Inscrições até 28 de junho
Informações (51) 590.8121 ou spcb@conex.com.br

II Congresso da International Stress Management Association/IV Fórum Internacional de Qualidade de Vida no Trabalho
Tema: Alto Desempenho e Equilíbrio: o Grande Desafio
Dias 24 e 25 de julho, em Porto Alegre
Informações (51) 3330-1134

III Congreso Iberoamericano de Psicologia/I Feria Iberoamericana de Facultades y Programas de Psicologia
Tema: Tendencias de la Psicologia del Tercer Milenio
De 21 a 27 de julho em Bogotá (Colômbia)
Informações nos sites www.cop.es ou www.abacolombia.org.co

Congresso Brasileiro Multiprofissional em Diabetes
De 26 a 28 de julho em São Paulo (SP)
Informações (11) 5572.

II Jornada Gaúcha de Psicologia Hospitalar
Dias 23 e 24 de agosto, em Porto Alegre (RS)
Inscrições abertas na Sociedade de Psicologia/RS
Informações (51) 3331.8586

Convênio e pesquisa
O Instituto de Ensino Abuchaim firmou um convênio didático e de pesquisa com a Fundação Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). O acordo prevê a organização de um programa de curso de extensão para a Universidade, que será ministrado pelo corpo docente do Instituto Abuchaim.

Criando *um criar mais* que biológico

Vera Verissimo
Psicóloga Conselheira do CRP-07

Se as coisas são inatingíveis,
ora, não é motivo
para não querê-las.
Que tristes os caminhos
Se não fora a presença
distante das estrelas....
Mario Quintana

"sou realmente
uma mulher múltipla
porque esconder vários eus
se, integrados
sou eu?"
Berenice Sica Lamas

Criar com? Criar para? Para si? Para os outros? Registrar? Exibir? Por idealizar, sublimar? Não criar, por opção ao biológico? Compensar, criar por inveja? Desafio? Apenas por talento imanente?

E assim, quase indefinidamente, podemos indagar a respeito da ação criadora. Porque indagar nos inquieta e a necessidade de criar, da mesma forma. Talvez o que nos decifre, já que é a inquietação maior. Lembrando Winnicott, somos o que nos inquieta. Mas ao mesmo tempo ele diz: há no homem a coexistência de duas tendências, uma necessidade urgente de comunicar e uma também urgente de não ser decifrada. Poderíamos pensar, necessidade de conhecer o desconhecido, o ameaçador, ou o que nos torna admirados. De ser como o idealizado, de contornar os obstáculos com sucesso, buscando o inatingível, vencendo ou instaurando o superego, como diz Janine Ch. Smirgel. São necessidades de comunicar. E de não ser decifrado?

Já na capa de seu livro, Berenice, através de sua poesia traz um modo de se pensar, uma busca do indecifrável no ato de viver e conhecer. Se nos deciframos, não sabemos o que vamos encontrar, indo além. A busca, a indagação, alimenta a imaginação, uma chama criadora que tenta desvendar, há esperança de que haja uma resposta. Neste ponto lembro a conhecida peça de teatro *Esperando Godot*. Os personagens se movimentam, indo e vindo, como num incessante retornar ao ponto de partida, indagando: "de onde viemos, para onde vamos, que somos, o que fazemos? Vamos, e para onde, mas temos que retornar pois estamos esperando Godot. Nada se pode resolver, há que esperar Godot. Godot, o indecifrável, a angústia existencial, mas também a resposta que existe. A chance do significado final.

O significado. A palavra. O traço na tela. A poesia no caderno, na folha impressa. O violão. O microfone. A batuta. Os meios de expressão, com seus significantes. Estes podendo ser a experiência, a cultura, o inconsciente, a vida instintiva. O significado, um achado representativo, a forma do artista se expressar. Já é um conceito. Mas como diz o dramaturgo inglês Ayckburn, não há apenas a palavra, ela vai sempre produzir um efeito, após ser enunciada.

As artistas: recortes do feminino no mundo das artes

Autor: Berenice Sica Lamas

Editora: Artes e Ofícios

Porto Alegre, 1997



E talvez aí resida também um medo da decifração. Sabemos que nada é impune. Mondrian riscou com poucos traços a tela e uma geração se surpreendeu. A palavra, como a tinta, como o ato criador, necessita da coragem de exercer o instintivo, para ir além. Talvez na mulher, como lembra Berenice, escapar do biológico. Ou do social. George Sand levou Aurore Dupin ao mundo dos homens, só assim sentiu-se reconhecida. Já Chiquinha Gonzaga sacudiu as correntes da limitação feminina da época, e afirma: sou da lira, não posso negar. George Sand usou calças masculinas para sua decifração. Chiquinha, a rebeldia. A legitimação do feminino.

Berenice faz seus recortes nessa legitimação, dirigida ao ato criativo. Interessa-nos sobremodo como recortou personagens do mundo das artes e entrevistas atuais com mulheres que superpõem seus papéis femininos com o artístico, o biológico e o mundo da expressão do talento. Não deixa de ser o exercício da vida instrutiva, o desnudamento do imaginário. A vida doméstica, poderíamos questionar, também é um ato criativo permanente. Parece necessário, para chamar criativo, que seja original, ou que seja extra-muros.

E assim continuaríamos com muitas e exaustivas questões, também colocadas no livro. Por exemplo, o objeto de desejo do criador passa a ser ele mesmo, ou, existe algo a sublimar, não, não, vamos parar por aqui. Senão corremos o risco de fitar fitando o belo céu de abril, pensando se a mulher, ao ter um filho, já encontrou Godot, ou se o continua a procurar, criando uma obra de arte, melhor olhar o azul, tão belo nestes dias porto-alegrenses.

Obrigado, Bere! Valeu!

A palavra, como a tinta, como o ato criador, necessita da coragem ...

... de exercer o instintivo, para ir além.